

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA

Raquel Borges Alves Moura

# REPRESENTAÇÕES MATRIMONIAIS EM EMMA DE JANE AUSTEN: UMA ANÁLISE DO CASAMENTO NA INGLATERRA DO INÍCIO DO SÉCULO XIX

**BRASÍLIA**

**2024**

RAQUEL BORGES ALVES MOURA

# REPRESENTAÇÕES MATRIMONIAIS EM EMMA DE JANE AUSTEN: UMA ANÁLISE DO CASAMENTO NA INGLATERRA DO INÍCIO DO SÉCULO XIX

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras: Inglês, do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, requisito para a obtenção do título de licenciado em Letras.
Orientador: Prof. Dr. Wiliam Alves Biserra

BRASÍLIA

2024

Dedico este trabalho à
minha família, que sempre
me incentivou e me apoiou
ao longo da minha jornada

acadêmica.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Elciane e Adjair, por sempre acreditarem na minha capacidade e por me dizerem que eu seria aluna da UnB antes mesmo de eu entender o que isso significava. Eu não estaria aqui sem vocês.

A minha irmã, Júlia, por me acalmar e me encorajar nos meus momentos de pouca confiança. Você me ajudou a chegar até o fim.

Ao meu namorado, João Pedro, que prontamente ouviu todas as minhas ideias sobre o trabalho, me fez companhia durante toda a escrita e ainda me ajudou com a formatação. O seu apoio tornou essa monografia possível.

Aos colegas do CALET que me informaram sobre a possibilidade de outorga antecipada.

Ao professor Wiliam pelas aulas de literatura inglesa e por ter aceitado me orientar e me ajudar em um prazo tão curto.

Às professoras do estágio supervisionado, Mariana Mastrella e Vanessa Borges por mudarem a minha perspectiva sobre trabalhar como professora.

À Marcella, pelo auxílio na escolha da bibliografia e na definição do tema do trabalho.

**RESUMO**

Um dos temas principais dos romances de Jane Austen é o casamento. O objetivo desse trabalho é analisar como a autora retrata o casamento na Inglaterra do começo do século XIX, com foco em sua representação em *Emma,* e também investigar as intenções de Austen por trás das caracterizações do matrimônio na escrita do romance. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica que possibilitou o entendimento das normas sociais, expectativas socioeconômicas e perspectivas individuais sobre o casamento na época de Austen.

**Palavras-chave**: *Jane Austen, Emma, casamento, amor, romance, século XIX.*

## ABSTRACT

One of the main themes of Jane Austen's novels is marriage. The aim of this study is to analyze how the author portrays marriage in early 19th century England, focusing on its representation in Emma, and also to investigate Austen's intentions behind the characterizations of matrimony in the novel's writing. To do so, a bibliographical research was conducted which allowed for an understanding of the social norms, socioeconomic expectations, and individual perspectives on marriage during Austen's time.


**Keywords**: *Jane Austen, Emma, marriage, love, romance, 19th century.*

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 8
CAPÍTULO I: SRA. BATES E SRTA. BATES.....10
CAPÍTULO II: HARRIET SMITH E ROBERT MARTIN..... 14
CAPÍTULO III: SR. E SRA. ELTON..... 19
CAPÍTULO IV: JANE FAIRFAX E FRANK CHURCHILL.....24
CAPÍTULO V: EMMA WOODHOUSE E SR. KNIGHTLEY..... 31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....37

# INTRODUÇÃO

É uma verdade universalmente conhecida que Jane Austen é uma das maiores escritoras da literatura ocidental. Em sua curta vida, nasceu em 1775 e morreu em 1817, a autora publicou seis romances, entre os mais conhecidos estão “Orgulho e Preconceito”, “Razão e Sensibilidade” e “Emma”. Sua relevância, mesmo após duzentos anos de sua morte, é facilmente reconhecida, com seus livros clássicos sendo extremamente populares entre leitores, além de objeto de inúmeros estudos e adaptações.

O romance que analiso é “Emma”, última obra de Austen publicada em vida no ano de 1815. Estruturada em três volumes, conta a história de Emma Woodhouse, uma jovem rica e mimada que, apesar de afirmar que nunca se casará, está determinada a buscar bons casamentos para seus amigos no pequeno vilarejo de Highbury. Após obter o primeiro sucesso como casamenteira ao casar sua governanta, a tentativa seguinte de Emma de encontrar um marido para sua amiga Harriet Smith é marcada por manipulações, interferências e preconceitos, resultando em grandes confusões e equívocos. No entanto, ao longo da história, a personagem aprende valiosas lições sobre humildade, amizade e amor verdadeiro com os seus erros. O romance é uma comédia de costumes que oferece um retrato da sociedade da época e, ao mesmo tempo, satiriza e critica seus aspectos. Em uma época em que as mulheres tinham poucas alternativas além do casamento para garantir uma renda, todas as personagens de destaque em Emma acabam se casando. A obra ilustra como as pressões sociais poderiam influenciar as decisões matrimoniais e também revela as restrições impostas pela posição social de cada um.

A escolha dessa obra se deve ao seu minucioso retrato da sociedade regencial inglesa e à sua importância literária. Os temas principais como casamento, amor, amizade e classe social são amplamente explorados nas complexidades das personagens do romance. Além disso, o livro é uma excelente fonte para investigar a situação da mulher no começo do século XIX e as limitações que elas enfrentavam. A obra também demonstra as intenções da autora ao escrever sobre o casamento, tema principal de todos os seus romances.

Esta monografia investiga e analisa as representações do casamento e a falta dele



na obra “Emma”, especificamente como os personagens refletem ou desafiam as expectativas sociais, econômicas e culturais do casamento no contexto histórico da era da Regência na Inglaterra. Para isso, serão utilizados como base os casamentos das personagens Harriet Smith, Sr. Elton, Jane Fairfax e Emma Woodhouse. Antes de abordar esses casos, entretanto, será realizada uma análise da situação das personagens não casadas, exemplificadas pela viúva Sra. Bates e sua filha solteira, Srta. Bates.

## CAPÍTULO I: SRA. BATES E SRTA. BATES

Apesar de não obter grande destaque na obra, a Sra. Bates é um ótimo exemplo da situação que muitas mulheres viúvas enfrentavam no começo do século XIX. A autora Juliet McMaster (1997) expõe que a Sra Bates, antes notável por ser a esposa do vigário, e sua filha caíram na sociedade e faziam parte de uma classe social que mais tarde foi chamada de *shabby-genteel*. A viúva vivia em um pequeno apartamento de primeiro andar, com recursos escassos e mantinha apenas uma empregada que era responsável por todo o trabalho. Apesar disso, a idosa mantinha a simpatia de seus vizinhos e amigos e era tratada com muito respeito e gentileza, sendo inclusive uma favorita do Sr. Woodhouse, pai de Emma.

Por um longo período da história inglesa, incluindo a Inglaterra Regencial, na qual se passa a história de Emma, as mulheres não usufruiam de muita liberdade. Mulheres eram tratadas como propriedades, controladas pelo pai até o casamento e, posteriormente, pelo marido. O dinheiro e propriedade que uma mulher possuía passavam a ser do marido após o casamento. Os filhos também eram considerados como propriedade apenas do pai. Esta falta de liberdade e autonomia feminina são exemplos da profunda desigualdade de gênero da época.

Souza (2020) explica que a viuvez trazia muitas mudanças para mulheres que passavam a vida dependendo de algum homem, mas também era o primeiro momento em que elas desfrutavam de uma situação que se assemelha à liberdade. Entretanto, essa condição frequentemente não era positiva:

> Uma viúva, que herdava uma boa renda, podia viver uma vida independente e livre de preocupações financeiras, além de se livrar do controle e da tutela de algum homem. Porém, tais circunstâncias ideais eram, na verdade, uma exceção. A maioria delas vivia em situação precária do ponto de vista econômico e, consequentemente eram pouco livres (Souza, 2020, p. 179).

A Sra. Bates é então o retrato da maior parte das viúvas inglesas do começo do século XIX. Austen ilustra essa dura realidade através da caracterização da personagem que possuía uma habitação desfavorável, renda insuficiente e enfrentava problemas de saúde. Além disso, ao longo do livro a senhora frequentemente recebia doações de vizinhos como o Sr. Knightley e o Sr.

Woodhouse. Um agravante da situação da personagem é o fato de ela só ter uma



filha solteira, Miss Bates, e uma neta órfã e pobre, Jane Fairfax. Sendo assim, pode-se supor que ela não recebia auxílio de parentes homens como era comum na época. Esta era a falsa liberdade de muitas viúvas.

Outra questão exemplificada pela família Bates em Emma e apresentada por Austen em muitos de seus romances é a desigualdade da herança patriarcal. Segundo Roy e Lesley Adkins (2014, p. 18) “o fato de uma mulher enviuvar poderia resultar em seu aprofundamento na pobreza porque as propriedades e a riqueza geralmente passavam para descendentes e parentes do sexo masculino”. Portanto, se uma viúva tinha uma filha solteira, esta também era levada à pobreza. Considerando esse cenário, um casamento seria a única forma de a Srta. Bates garantir segurança financeira. Porém a personagem não é casada e é considerada uma solteirona. Fergus (2005, p. 7) aponta que “a distinção social feminina é instável sem casamento ou dinheiro”. O autor utiliza a Srta. Bates como exemplo já que ela “perdeu o vicariato que o Sr. Elton ocupa quando quando seu próprio pai faleceu”. Ela fazia parte de um grupo de mulheres que era normalmente visto com desaprovação pela sociedade e que não possuía muitos meios para sobreviver sem a presença do pai ou de um marido

Ross (2003, p. 131) diz que “solteironas eram motivo de piada” e cita palavras do economista vitoriano John Stuart Mill que afirmou que elas “não tinham nenhuma utilidade, função ou papel”, além de estarem “sempre sujeitas à pena ou ao riso”. A solteirona Srta. Bates não é tão semelhante a estas que Ross apresenta. Ela é descrita como uma pessoa querida por sua natureza alegre e gentil apesar das condições que poderiam torná-la impopular como a falta de casamento, juventude, beleza ou inteligência. Ela era uma pessoa feliz e tinha a estima de todos ao seu redor. Todavia, a visão negativa sobre solteironas ainda é perceptível nas falas de outros personagens.

Em uma conversa com Harriet, Emma revela que não tem intenção de se casar, o que é recebido com horror pela amiga ao imaginar que era horrível Emma tornar-se velha e solteira como a Srta. Bates. A protagonista diz que não tem motivos que levam outras mulheres ao casamento, pois ela é uma herdeira e praticamente independente. Por essa razão, seria insensato mudar a situação em que vivia, já que ela nunca se apaixonou e considerava isso algo difícil de acontecer. Emma também explica que uma solteirona rica não sofre os mesmos

acontecer. Emma também explica que uma solteirona rica não sofre os mesmos preconceitos que uma pobre, mas ainda se refere a Srta. Bates com certa



gentileza e diferença:

> Não se preocupe, Harriet, jamais serei uma velha solteirona pobre. E é a pobreza que torna o celibato desprezível para muita gente! Uma mulher solteira, com uma renda ínfima, é uma ridícula e desagradável solteirona, motivo de riso para os rapazes e moças. Uma mulher solteira de fortuna, no entanto, sempre será respeitável, e pode ser tão agradável e sensível quanto qualquer outra pessoa. E essa distinção não está tão contra a candura e o bom senso do mundo, como parece à primeira vista, pois uma renda insuficiente tem a tendência de estreitar a mente e azedar o caráter. Aqueles que mal conseguem sobreviver, e que são forçados a viver em uma sociedade muito restrita e muito inferior, podem se tornar intolerantes e mesquinhos. Isso, é claro, não se aplica a Miss Bates, ela é apenas amável e tola demais para o meu gosto. Mas, de forma geral, ela agrada a muita gente, ainda que seja solteira e pobre. A pobreza, com certeza, nunca a tornou mesquinha: acredito que se ela tivesse apenas um xelim no mundo, seria bem capaz de doar a metade. E ninguém tem medo dela: isso é um grande encanto (Austen, 2013, p. 88).

Emma não aprecia muito a personalidade e a companhia da Srta. Bates, que tende a ser tagarela e indiscreta. Mesmo ocasionalmente irritada, não a trata com crueldade e costuma demonstrar bondade para com ela, como visto anteriormente. Contudo, em um momento crucial da obra, Emma proferiu um comentário extremamente maldoso direcionado à velha solteirona na presença dela e de diversas pessoas do convívio social das duas. Por esse motivo, ela foi repreendida por seu amigo e cunhado, Sr. Knightley. No momento é importante apenas destacar como Knightley defende a srta. Bates ao alertar sobre a péssima conduta da amiga: “Como pôde ser tão insolente usando sua sagacidade com uma mulher com o caráter, a idade e a situação dela?” (Austen, 2013, p. 361). Ele também defende que ela merece compaixão devido à realidade pouco confortável em que vive, pois ela perdeu quase todos os confortos do seu nascimento e continuará perdendo enquanto viver.

Como foi observado nas opiniões de diferentes personagens, mesmo uma solteirona popular e estimada como Miss Bates estava exposta ao riso e à pena da sociedade ao seu redor. É evidente que a situação da solteirona é desagradável e grande motivo de compaixão em Highbury. A condição das Bates retrata porque o casamento era tão desejável e, muitas vezes, considerado a única opção para tantas mulheres, e também mostra que mesmo um casamento não garantia segurança para a toda vida, já que a viuvez normalmente trazia novas dificuldades.

Pode-se acreditar que Jane Austen tinha motivos para escrever sobre tais

Pode-se acreditar que Jane Austen tinha motivos para escrever sobre tais assuntos. A autora nunca se casou e viveu por mais de uma década com a mãe



enviuvada. Ross (2003) declara que Jane antes foi uma boa candidata para um casamento por ser filha de um clérigo respeitável que possuía uma carruagem, mas desceu para a posição de solteirona elegante que dependia do irmão para ter um lar. Ross (2003) também diz que existe um debate mais sombrio por trás do tema de todas as suas obras, a busca de um casamento feliz fundado em afeição e respeito: será que qualquer matrimônio é melhor para uma mulher do que nenhum? Ela aponta que Austen "claramente discordava" e cita uma carta que esta escreveu para uma sobrinha em 1814 "nada se compara a miséria de estar presa a alguém sem amor, presa a alguém e preferindo outro" (p. 132).

Algumas atitudes de Austen evidenciam sua firmeza de opinião. Fergus (2005) conta que a autora foi pedida em casamento por Harris Bigg-Wither, irmão de algumas amigas que estava visitando. Embora tenha aceitado o pedido inicialmente, na manhã seguinte ela mudou de ideia, retirou sua palavra e retornou para casa. Harris era um cavalheiro herdeiro de uma boa propriedade e cinco anos mais novo que Jane. "Esse é um incidente notável, pois ela sabia que, ao recusá-lo, dificilmente teria um lar próprio. Seu pai tinha mais de setenta anos e a pobreza era uma ameaça" (Fergus, 2005, p. 8).

Diante do exposto, já é possível perceber a visão da romancista tanto nas personagens quanto na sua vida pessoal. Concordo que a intenção de Austen é mostrar que "é direito e dever da mulher escolher com sabedoria e responsabilidade com quem se casar - e, na falta de um parceiro compatível e 'companheiro', permanecer resolutamente solteira" (Ross, 2003, p. 138). Levando isso em consideração, nos capítulos seguintes pretendo destacar os diferentes casamentos do romance Emma.

## CAPÍTULO II: HARRIET SMITH E ROBERT MARTIN

Ao longo da narrativa, acompanhamos Harriet Smith, uma amiga próxima de Emma. Ela é uma jovem bonita que vive como pensionista na escola para garotas da Sra. Goddard, onde recebeu a sua limitada educação. Harriet é uma filha ilegítima, não reconhecida pelo pai que nunca conheceu, e sua origem é desconhecida por todos. Ao conhecê-la, a Srta. Woodhouse decide tomá-la como protegida e prepará-la para um bom casamento com um cavalheiro de classe social mais alta. “Ela a ensinaria, ela iria refiná-la, ela a afastaria das amizades impróprias e a introduziria na boa sociedade; ela formaria suas opiniões e suas maneiras” (Austen, 2013, p. 29).

No entanto, logo no início da amizade, Harriet conta a Emma com muita felicidade e elogios, sobre o tempo em que passou na casa da família Martin a convite de colegas da escola. A protagonista percebe que o fazendeiro Robert Martin, irmão das amigas de Harriet, demonstra certa afeição por ela, e, por sua vez, Harriet também parece admirá-lo. Emma julga essas conexões como inadequadas para a amiga e tenta desviar sua atenção para o Sr. Elton, o respeitado vigário da cidade, considerado um cavalheiro.

Nesse meio tempo, o Sr. Martin pede a mão de Harriet em casamento. Ela parecia tentada a aceitar o pedido e demonstrava entusiasmo até contar o ocorrido para a melhor amiga. Emma, mesmo indiretamente, influencia Harriet a recusar a proposta. Knightley, que aluga terras para Martin e o havia aconselhado quanto ao casamento, demonstra sua insatisfação com a influência de Emma na recusa. Em uma discussão ele discorda do que Emma diz sobre Harriet ser de nível superior a Robert e defende o contrário:

> [...] ele de fato não é do mesmo nível de Harriet, pois é superior a ela em situação e em bom senso. Emma, seu orgulho em relação a essa menina a está cegando. Que aspirações Harriet Smith pode ter, seja por nascimento, educação ou natureza, para pretender alguém de nível mais elevado que Robert Martin? Ela é a filha natural de alguém que ninguém conhece, sem meios para se estabelecer, e certamente sem relações sociais respeitáveis. É apenas uma pensionista em uma escola comum. Não tem sensibilidade, nem conhecimento. Não lhe ensinaram nada de útil e é muito jovem para ter aprendido alguma coisa por si mesma. Ainda não tem experiência de vida, e com sua pouca inteligência, provavelmente jamais surgirá alguém que lhe dê valor. Ela é bonita e tem bom gênio, e isso é tudo. Minha única dúvida em aconselhar o casamento

> foi em relação a Robert, pois achei que ela podia estar abaixo do que ele merece e a relação lhe seria desfavorável. Sei que, em termos de fortuna,



> ele provavelmente vai chegar bem mais longe, e como companheiro sensato e prestativo não se sairia mal. Mas não se pode argumentar tal coisa com um homem apaixonado; e fui levado a acreditar que ela não teria como fazer-lhe mal, e que em boas mãos, como as dele, poderia até melhorar e sair-se bem. A vantagem do casamento, penso, seria toda dela, e não tive a menor dúvida (nem tenho agora) de que haveria um comentário geral sobre a enorme sorte de Harriet. (Austen, 2013, p. 65)

Ele também alerta que Elton deseja um casamento vantajoso e não se casaria com alguém da condição de Harriet.

Harriet, além de todas as limitações de ser uma mulher que não possuía muita riqueza, inteligência e classe, ainda sofria com o estigma de ser órfã e filha ilegítima. Campbell (2012) observa que, no contexto histórico, o Sr. Knightley não estava equivocado ao afirmar que Harriet era considerada inferior a Mr. Martin, e que Emma agia com tolice e imprudência por tentar organizar um casamento entre Elton e a Srta. Smith. A autora também relata que devido à sua ilegitimidade, Harriet seria marginalizada na alta sociedade. Portanto, os Martins e os Goddards, ao contrário do que Emma inicialmente acredita, são conexões extremamente vantajosas para Harriet, pois sem a amizade de pessoas respeitáveis da classe baixa, ela estaria completamente desamparada (Campbell, 2012).

Com o passar do tempo, Emma garante a Harriet que o vigário está apaixonado por ela, enquanto na realidade, Elton está interessado em um casamento com Emma, que acredita que as atenções dele eram direcionadas à amiga. Ele a pede em casamento e é recusado. Como resposta aos questionamentos da Srta. Woodhouse sobre Harriet ele diz que “há homens que não se importariam... cada um tem seu nível. Mas quanto a mim, eu acho... não pretendo expor-me a isso... Não estou tão desesperado para casar-me a ponto de pretender uma aliança com alguém do nível de Miss Smith” (Austen, 2013, p. 130). Essa confusão causa tristeza na Srta. Smith que já demonstrava gostar do clérigo.

Harriet supera a decepção amorosa e finalmente se interessa por outro cavalheiro. Devido à confusão anterior, a relação das amigas muda ao falar sobre assuntos amorosos. As duas não compartilham nomes quando conversam sobre o novo amor de Harriet, que afirma ter motivos para acreditar que é correspondida. Emma acredita que é Frank Churchill e oferece encorajamento, porém a Srta. Smith tinha sentimentos por Sr. Knightley. Quando Emma descobre a verdadeira identidade do cavalheiro, também percebe que estava apaixonada por ele. Emma sugere evitar contato após a conversa sobre o segundo mal-entendimento, e

Harriet concorda com a ideia. Emma não tinha conhecimento de que o seu amigo



também a amava. Pouco depois, o surpreendente pedido de casamento de Knightley foi aceito pela personagem principal.

Emma arranja um convite para Harriet ir a Londres, pois precisa de ainda mais tempo sozinha, agora consciente de que mais uma vez causaria infelicidade à amiga por suas ações. Em Londres, Harriet se reconecta com Robert Martin que estava na cidade a negócios. A Srta. Smith então aceita o segundo pedido de casamento do seu primeiro e talvez único verdadeiro amor. O casamento agora é considerado extremamente adequado e motivo de grande felicidade para Emma.

> Emma passou a conhecer Robert Martin, que foi apresentado em Hartfield, reconheceu nele todo o bom senso e a retidão que desejaria para sua amiga. Emma não tinha dúvida da felicidade de Harriet com qualquer homem de bom temperamento, mas com Robert Martin, e no lar que ele lhe oferecia, havia esperança de mais: segurança, estabilidade e prosperidade. (Austen, 2013, p. 466)

Campbell (2012) argumenta que o casamento de Harriet é realista para época, pois ela não se casa com um superior em classe e não obtém mudanças nas dinâmicas de poder. Ela defende que Austen emprega o casamento da personagem para questionar esta estagnação do poder e, "ao mesmo tempo criticar os sistemas de casamento e classe que impedem as mulheres de melhorar sua própria agência extremamente limitada" (Campbell, 2012, p. 24). Segundo a autora, Harriet, influenciada por Emma, passou a acreditar na possibilidade de um casamento com um membro de classe muito superior como uma forma de melhorar a sua agência e teve suas expectativas frustradas, mas ainda assim não seria infeliz em seu casamento com Martin devido à sua personalidade e por já ter o amado.

A ilegitimidade era vista como uma ameaça à moralidade. Souza (2020) cita que a historiadora Lisa Zunshine (2005)

> [...] ao analisar as condições históricas da ilegitimidade, na Inglaterra no século XVIII, atentou para um termo utilizado pelos sociólogos daqueles tempos: bastardy-prone sub-society; esse termo indicava que os filhos bastardos ou ilegítimos seriam fortes candidatos à 'irregularidade sexual' (p. 156).

a autora afirma que hipótese da ilegitimidade multigeracional era muito debatida e apesar de nunca ter sua veracidade comprovada, foi muito utilizada na literatura do século XVIII, inclusive por Austen no livro Razão e Sensibilidade, onde uma personagem bastarda tem um final crítico; mas anos depois, a personagem Harriet parece comprovar uma mudança de opinião romancista.

Segundo Camila de Souza (2020), Emma e Austen defendem que não é



justo hostilizar ou rebaixar Harriet por circunstâncias fora de seu controle, sobre as quais ela não teve escolha. Entretanto, a autora também expõe que Harriet foi estigmatizada por personagens como Elton e Knightley e, até mesmo Emma só os questionava por achar que Harriet era filha de um cavalheiro (o que é revelado não ser verdade). O único personagem que não julga o passado antes e depois de descobrir a paternidade da Srta. Smith é aquele com quem ela se casa:

> Robert Martin parecia entender que Harriet podia viver independente da narrativa que lhe antecedia, pois o pedido de casamento não veio com nenhuma condição e o reconhecimento que ela recebeu, no fim do romance, não era um obstáculo para que o casamento ocorresse ou não. (Souza, 2020,p. 160)

Souza (2020) relata que Austen apresentou uma perspectiva positiva sobre órfãos ilegítimos considerando que várias obras da época os viam como ameaça à ordem social. Harriet teve um final satisfatório sem as interferências de Emma que só lhe traziam infelicidade. Ela foi a única responsável pelo próprio futuro.Também é importante considerar que

> A autora anulou todas as expectativas sobre Harriet para talvez sugerir que não era necessário para ela ser filha de um cavalheiro, nem transitar entre a melhor sociedade para conseguir aquilo que almejava – que para a personagem era o casamento, e consequentemente uma “boa família” –, e mostrar que a narrativa da sua vida era independente das expectativas impostas. Ao permitir que Harriet tivesse um final satisfatório dentro das expectativas criadas, Austen estava deixando clara a sua preferência por uma narrativa na qual os filhos ilegítimos não pagassem pelas ações de seus pais (Souza, 2020, p.161)

A história de Harriet oferece uma uma ótima reflexão sobre as relações sociais e os preconceitos de classe no começo do século XIX. Ela demonstra como algo fora do controle da personagem e, consequentemente de pessoas que realmente viveram isso na época, poderia influenciar negativamente suas vidas. A narrativa enfatiza que o valor de uma pessoa não está ligado à sua origem ou posição social, e que isso não deveria ser um empecilho para um casamento se existir afeição verdadeira. Entretanto, apenas Robert Martin verdadeiramente acredita nisso. A srta. Smith não foi estigmatizada por Austen e Martin, mas foi condenada por muitos, como Elton, Knightley e até mesmo Emma. O sr. Elton se considera muito superior a Harriet e só esperava vantagens com um casamento; mesmo sem a conhecer, o sr. Knightley acredita que ela é praticamente obrigada a aceitar o pedido de Robert, pois alguém como ela não teria muitas outras

oportunidades; e Emma julga seus amigos de classe “inferior”, acredita que eles



prejudicam a imagem de uma provável filha de um cavalheiro, além de interferir e manipular Harriet sem considerar seus desejos e sentimentos. Knightley percebe que seus julgamentos foram injustos, enquanto Emma se arrepende e aprende com os erros. Apesar disso, ela ainda acredita que a “mancha da ilegitimidade, não suavizada pela nobreza ou pela riqueza, teria sido sempre uma mancha” (Austen, 2013, p. 465-466) para Knightley, Frank Churchill e até para Elton.

Ao mesmo tempo, pode-se dizer que Austen critica o fato de Harriet não obter grandes mudanças na dinâmica de poder com o casamento. Ela mostra como a importância exacerbada das classes sociais da Inglaterra regencial era injusta. Por não ser filha de cavalheiro e não se casar com alguém da alta sociedade, Harriet não desfruta de vantagens significativas e o estigma do seu nascimento pode não ser visto de maneira muito diferente por seus “superiores” ao se tornar a Sra. Martin. Contudo, mais importante que isso, foi Harriet ter decidido o seu próprio futuro sem interferências e ter se casado com um jovem admirável, o único que nunca a julgou pela sua origem e falta de sobrenome, e que a amava como ela era. É possível supor que não existiria casamento mais vantajoso para Harriet do que esse.

## CAPÍTULO III: SR. E SRA. ELTON

O sr. Elton é um jovem solteiro muito elogiado e admirado por todos e havia se mudado para Highbury há pouco tempo. Ele exerce o cargo de vigário no vilarejo e foi ele quem celebrou o casamento entre a Srta. Taylor, antiga governanta de Emma, e o Sr. Weston. O sr. Woodhouse não aprecia casamentos e as mudanças que eles trazem, por isso pede à filha que não forme novos casais. No entanto, Emma decide encontrar uma esposa para o clérigo após o sucesso de seu primeiro arranjo matrimonial:

> Só mais um, papai, para Mr. Elton. Pobre Mr. Elton! O senhor gosta dele, papai... Devo encontrar uma esposa para ele. Não há ninguém em Highbury que o mereça, e ele já está aqui há um ano e mobiliou sua casa de modo tão confortável que seria uma vergonha se ficasse solteiro por mais tempo. E hoje, no casamento, quando todos se deram as mãos, pensei que ele parecia querer que fizessem por ele a mesma coisa que fiz por Miss Taylor. Admiro muito Mr. Elton, e esta é a única maneira que tenho de prestar-lhe um serviço. (Austen, 2013, p. 20)

Emma encontra uma pretendente adequada pouco tempo depois, conhecendo Harriet Smith. Uma prova da admiração da protagonista por Elton é o fato dela sempre recomendá-lo com as melhores palavras: “Mr. Elton pode ser recomendado com segurança como modelo para qualquer jovem cavalheiro. Mr. Elton é bem humorado, agradável, atencioso e gentil” (Austen, 2013, p. 38). Entretanto, Emma muda drasticamente de opinião quando percebe que ele procurava apenas um casamento vantajoso como meio de enriquecimento, pois com isso “Mr. Elton estava provando ser, em muitos aspectos, exatamente o contrário do que ela pensara e acreditara que ele fosse: orgulhoso, arrogante, vaidoso, cheio de si e pouco preocupado com os sentimentos dos outros“ (Austen, 2013, p. 133).

O pensamento do Sr. Elton sobre o casamento não era incomum naquela época. Muitos se casavam apenas por interesse em crescer financeiramente. Como Lesley e Roy Adkins (2014) relatam, o casamento por amor estava se tornando mais comum no período, mas muitas pessoas, principalmente as habituadas à riqueza e status, consideravam a ideia impraticável. O dilema entre casar por amor ou por motivos financeiros e sociais é comum na escrita de Austen

já que para muitos naquele período “um marido com uma renda respeitável ou



uma esposa com um dote generoso ainda eram extremamente desejáveis, se não uma necessidade absoluta” (Adkins e Adkins, 2014, p. 3). Emma demonstra uma posição contrária e expressa desaprovação a casamentos focados somente no financeiro.

Elton é um exemplo daqueles que ainda não viam o amor como essencial para um casamento, pessoas que não se casariam com uma mulher da condição de Harriet Smith mesmo se existisse sentimento. Ao alertar Emma sobre as verdadeiras intenções do vigário com um casamento, a explicação de Knightley também serviria para descrever muitos outros historicamente:

> Ele é um homem excelente, e o respeitável vigário de Highbury, mas de modo algum fará um casamento imprudente. Conhece bem o valor de uma boa renda, como todo mundo. Elton pode ser sentimental nas palavras, mas suas ações são racionais, ele cuida tão bem dos próprios interesses quanto você dos de Harriet. Sabe que é um homem bonito e bem recebido onde quer que vá, e pelo seu modo aberto de falar, quando está apenas entre cavalheiros, estou convencido de que ele não pretende desperdiçar sua vida. Eu o ouvi falar com grande animação sobre uma numerosa família de jovens damas, amigas de suas irmãs, que possuem vinte mil libras de renda cada uma. (Austen, 2013, p. 69)

Emma só percebe as características negativas e as reais motivações de Elton quando ele a pede em casamento. Ela não se sente mal por ter recusado o pedido, pois sabia que ele não estava verdadeiramente apaixonado e estava apenas em busca de uma fortuna. Assim como na ficção, em um contexto real Emma certamente despertaria o interesse de muitos homens como Elton só por sua herança de trinta mil libras, e nada além disso importaria. Por isso Emma

> Não precisava se incomodar em ter pena dele, pois ele desejava apenas subir na vida e enriquecer. E se Miss Woodhouse de Hartfield, a herdeira de trinta mil libras, não era tão fácil de conquistar como ele pensara, logo tentaria com uma Miss Alguém qualquer, herdeira de vinte ou de dez mil libras. (Austen, 2013, p. 133)

A personagem não estava equivocada. Como Anderson (2018) aponta, Emma “pressupõe de forma satírica o ponto de vista mercenário dele [...] — para ele, todas as mulheres são intercambiáveis como mercadorias e são definidas por quantias” (p. 47). Após o incidente, o sr. Elton passa um tempo longe de Highbury e retorna casado com uma herdeira de dez mil libras, provando que ele estava buscando apenas enriquecimento material. Este tipo de casamento é desaprovado por Austen e visto negativamente em seus romances. Como Ross (2003) assinala “a caça à fortuna é uma marca registrada dos indignos nas obras de Jane Austen”

(p. 200). A partir desse momento da narrativa é possível perceber que Austen



realmente acreditava nisso, pois o leitor descobre quão reprovável é o caráter de Elton .

Outro ponto criticado é o quão rapidamente Elton se casou depois de conhecer a noiva. Emma menciona que ele não deveria conhecê-la há muito tempo pois fazia só quatro semanas desde a partida dele. O pai dela, que sempre desaconselha casamentos, parece considerar a atitude imprudente e “lamentava que as pessoas jovens se apressassem tanto para casar... e casar-se com estranhos, ainda por cima” (Austen, 2013, p. 172). Austen parece utilizar as falas dos personagens para expressar algo em que ela também acreditava, já que era improvável existir afeição genuína em casos como esse.

A Sra. Augusta Elton é filha de um comerciante, classe social muito discriminada na época por membros da *gentry*, e “não tinha nome, nem sangue, nem alianças favoráveis” (Austen, 2013, p. 168) de acordo com Emma. Juliet McMaster (1997) afirma que existia um preconceito esnobe comum entre a aristocracia direcionado a comerciantes porque “o comércio representa dinheiro novo, e o dinheiro, assim como o vinho, não é considerado respeitável até que tenha envelhecido um pouco" (p. 123). A autora relata que Austen não compartilhava desse preconceito, mas se interessava pelo processo de assimilação gradual dos comerciantes à *gentry*. Emma diz que a grandeza da sra. Elton dependia da irmã mais velha que era casada com um verdadeiro cavalheiro. McMaster (1997) explica que este tipo de união era favorável porque a aristocracia enriquecia, e a classe mercantil podia promover seus netos a títulos e posições de nobreza.

Emma não gosta  da Sra. Elton, uma personagem pretensiosa, arrogante e intrometida. Ela não a julgou antes de conhecê-la pois já havia mudado o pensamento esnobe sobre a classe comerciante não merecer o status de *genteel* ao perceber que seus julgamentos sobre uma família comerciante rica de Highbury não foram completamente justos (McMaster, 1997). A autora detalha que Austen deixa o leitor perceber a diferença entre o esnobismo social de Emma, que é mal visto, e a sua correta aversão moral à sra. Elton. Ao longo do romance o leitor encontra muitos motivos para essa aversão moral. A esposa do vigário vangloria-se constantemente de seu status, conquistas e conexões. Ela não perde oportunidades de mencionar a riqueza da irmã e do cunhado, citando o luxo da

oportunidades de mencionar a riqueza da irmã e do cunhado, citando o luxo da propriedade da família e o fato de eles possuírem duas carruagens. Além disso,



ela tenta controlar a vida de Jane Fairfax, procurando cargos de governanta para ela mesmo contra a vontade da jovem. Quando o Sr. Knightley decide organizar um passeio de exploração em sua propriedade, ela afirma que a festa é dela e insiste que deveria escolher os convidados mesmo após ele recusar a oferta repetidas vezes. Em certo momento ela até acredita que um baile organizado pelo Sr. Weston foi feito especialmente em sua homenagem, o que todos sabem não ser verdade. Para Ross (2003), a Sra. Elton tenta "esconder inadequações sociais sob uma camada de música, frases em italiano e uma 'elegância' ostentosa."

No baile anteriormente mencionado, a Sra. Elton elogia Jane, procurando também receber elogios sobre a sua aparência. Ela acredita ser o centro das atenções e sua fala seguinte demonstra a sua alta opinião sobre si mesma e ares de superioridade:

> Ninguém liga menos para vestidos em geral do que eu... mas em uma ocasião como esta, em que todos os olhos estarão voltados para mim, não queria parecer inferior aos outros. E também como cumprimento aos Westons, pois não tenho dúvida que estão dando este baile principalmente em minha honra. Vejo tão poucas pérolas no salão, além das minhas (Austen, 2013, p. 312-313).

Carrie Wright (2016) explica que historicamente as pérolas eram símbolo de status da aristocracia, além de representarem modéstia, pureza, entre outras características positivas. Segundo a autora, a sra. Elton usa pérolas como símbolo de supremacia para ganhar respeito e demonstrar superioridade em Highbury, mas as joias só revelam que ela é o oposto do que tenta aparentar e suas tentativas supérfluas de elegância. A classe mercantil, mesmo com toda a riqueza, não era considerada parte da aristocracia ou nobreza, então alguns recorriam ao uso excessivo de jóias, por exemplo, como tentativa de se integrarem e se assemelharem à elite, o que era visto como extravagância. Para Wright, no romance as pérolas não são utilizadas para representar a nobreza, mas sim o "consumo ostensivo de um membro não refinado dos novos ricos".

Um acontecimento do baile evidencia a inferioridade de caráter dos Eltons. Em um determinado momento o Sr. Elton fez questão de mostrar-se disponível perto de Harriet, que não tinha um par para dançar mas desejava participar. Ao perceber a situação, a sra. Weston, pergunta se ele não dançava, para tentar incentivá-lo a dançar com Harriet, e Elton sabia que essa era a intenção da

aproximação. Ele respondeu inicialmente que dançaria com a Sra. Weston, e



quando ela disse que estava pensando em uma parceira melhor, ele também mencionou o nome de outra senhorita disponível com quem ele poderia dançar. No entanto, quando a sra. Weston finalmente revela que se referia à Srta. Smith, ele, que estava próximo a Harriet o tempo todo, responde com a intenção de magoá-la, trocando em seguida olhares de satisfação com a esposa:

> Miss Smith! Oh! Não tinha percebido. A senhora é muito gentil, e se eu não fosse um velho homem casado... Mas meus dias de dançarino estão acabados, Mrs. Weston, peço-lhe que me perdoe. Faria qualquer outra coisa que me pedisse, mas meus dias de dançarino realmente acabaram (Austen, 2013, p. 316).

Knightley convida Harriet para dançar depois de observar o incidente, trazendo felicidade para Emma que condena as atitudes dos Eltons. Em uma conversa mais tarde Emma admite que estava errada sobre Elton e que existe uma "mesquinhez nele" (Austen, 2013, p.319) que Knightley percebeu e ela não. Por essa razão, Knightley também admite que a escolha de Emma para Elton seria melhor do que a que ele fez, pois, segundo o personagem,

> Harriet Smith tem algumas qualidades admiráveis, que faltam totalmente à Mrs. Elton. Uma menina despretensiosa, educada e sem maldade, infinitamente preferível para qualquer homem de bom senso e bom gosto do que uma mulher como Mrs. Elton (Austen, 2013, p. 319).

Em certo momento, a srta. Bates diz que "é uma felicidade quando as pessoas boas se juntam... e elas sempre se juntam" (Austen, 2013, p. 170). o Sr. e a Sra. Elton ilustram o que acontece quando ocorre o oposto dessa afirmação. Pode-se dizer que Austen utiliza o casamento dos dois como uma crítica ao casamento baseado em conveniência e aparências. A escritora utilizou os Eltons para evidenciar que a busca por status e reconhecimento muitas vezes obscurecia os verdadeiros valores morais. As falhas de caráter dos personagens servem como uma crítica aos valores distorcidos e falsas aparências de pessoas que acreditavam em casamento apenas como transação social. Embora fosse uma prática comum no período histórico da obra, Austen demonstrou sua oposição a esse oportunismo tanto no retrato dos Eltons quanto nas falas de personagens como Knightley, ao defender Harriet.

## CAPÍTULO IV: JANE FAIRFAX E FRANK CHURCHILL

Jane Fairfax é uma órfã, neta da Sra. Bates e sobrinha da Srta. Bates. O pai da personagem era militar e morreu em combate, enquanto a mãe faleceu pouco depois afundada em tristeza. “Pelo nascimento ela pertencia a Highbury, e quando perdeu a mãe aos três anos de idade tornou-se a propriedade, o encargo, o consolo e o amor da avó e da tia” (Austen, 2013, p. 158). No entanto, ela não foi criada pela família que ainda lhe restava. Jane passou um tempo com a avó e a tia até que um amigo de seu pai, que acreditava que o Sr. Fairfax havia salvado a sua vida, ofereceu-se para cuidar da educação de Jane, pedido que foi aceito. Ela então recebeu educação em Londres, onde também residia com os Campbells e apenas visitava Highbury.

Todos acreditavam que Jane continuaria em Highbury, recebendo uma educação limitada devido aos recursos financeiros escassos, “e que cresceria sem bons relacionamentos ou vantagens que lhe permitissem melhorar o que a natureza lhe dera: aparência agradável, inteligência, bom coração e facilidade de relacionamento” (Austen, 2013, p. 158). Por esse motivo, a oferta dos Campbells mudou o destino de Jane. Ela recebeu uma educação excelente e tornou-se uma jovem extremamente elegante e talentosa, destacando-se especialmente em tocar piano.

No entanto, nem tudo era vantajoso para a Srta. Fairfax. Ela não poderia viver independemente apenas com a pequena herança deixada pelo pai, e o coronel Campbell só possuía recursos suficientes para deixar como herança para sua própria filha. Jane foi educada para ser governanta e tornou-se completamente apta para o ofício aos 18 anos, mas ela havia ganhado o amor dos Campbells, que não conseguiram deixá-la partir, por esse motivo

> O dia fatídico foi adiado. Era fácil para eles argumentar que ela ainda era muito jovem, e Jane permaneceu com eles, dividindo, como se fosse outra filha, todos os prazeres da sociedade elegante e uma judiciosa mistura de lar e divertimento, com a inconveniência de um futuro incerto e as sensatas reflexões do seu bom entendimento a lembrá-la que tudo isso logo iria terminar (Austen, 2013, p. 159)

O trabalho como governanta era uma das poucas opções aceitáveis para mulheres como Jane conseguirem ganhar uma pequena renda para se sustentarem na época. McMaster (1997) afirma que era uma situação angustiante

para jovens de boa formação das classes altas empobrecidas que se tornavam



serviçais de famílias frequentemente menos refinadas do que elas mesmas. Souza (2020) relata que a maioria significativa das governantas não ascendia em classe social e que "as relações que elas mantinham com o espaço da casa onde viviam seu cotidiano eram completamente diferentes da experiência de seus empregadores" (p. 172). A autora ainda explica que

> na melhor das hipóteses, diante do contexto social da época, o que lhes restava era guardar um pouco do seu salário para constituir um bom dote e assim, no futuro, conquistar um casamento. Dessa maneira, ser a governanta de uma residência, além de ser um trabalho aceitável, também era quase um treinamento para ser dona de sua própria casa, e, consequentemente, uma boa esposa e mãe. (Souza, 2020, p. 172)

Uma governanta era essencial para uma família da alta sociedade. Souza (2020) explica que no período histórico em que a Inglaterra se encontrava, a casa e a família eram de responsabilidade da mulher enquanto o "mundo público era de responsabilidade dos homens" (p. 174). A autora observa que a elite terceirizava os serviços que seriam de responsabilidade da dona de casa, como cuidar da família e manter a casa organizada, e as governantas tornavam-se responsáveis por essas obrigações. "A família que possuía uma governanta a fazia por ter posses e para que a mulher dona da casa pudesse se abster de tudo aquilo que lhes era designado como obrigação" (Souza, 2020, p. 175), assim a dona de casa burguesa poderia ocupar o tempo livre "com passeios, visitas e mesmo com a ociosidade" (Souza, 2020, p. 174).

O fato de Jane precisar trabalhar como governanta é visto como fatídico por todos. Um pensamento de Emma pode resumir bem o que muitos também acreditavam: "Quando pensava na sua história, de fato, na sua situação de vida, na sua beleza, no destino que teria toda sua elegância, no que ela teria que enfrentar em breve, como passaria a viver, Emma só podia sentir compaixão e respeito" (p. 162). Ainda assim, Jane delimitou uma idade para iniciar o trabalho, a exata idade da personagem na obra, ela "chegara à conclusão que com a idade de vinte e um anos faria o sacrifício completo, quando se afastaria de todos os prazeres da vida, das conversas sociais, da paz e da esperança, para enfrentar a penitência e a mortificação para sempre" (p. 160). O casamento da Srta. Campbell, que aconteceu no mesmo ano, apenas reforçou a ideia de que ela precisava abandonar o estilo de vida que tanto apreciava.

O que ninguém sabia era que outra situação prometia mudar o destino de

O que ninguém sabia era que outra situação prometia mudar o destino de Jane Fairfax novamente. Jane estava secretamente noiva de um herdeiro de



grande fortuna. Os dois mantinham o noivado em segredo devido a família do jovem cavalheiro que não apoiaria a união. O noivado de Frank Churchill e Jane Fairfax é mantido em segredo de todos os personagens da obra e também do leitor até o final do romance.

Jane corria o risco de ser excluída da sociedade em que vivia, mas o casamento com Frank poderia lhe proporcionar uma vida ainda mais confortável do que a que ela tinha com os Campbells. McMaster (1997) destaca que

> A governanta do romance do século XIX torna-se uma heroína cultural para o triste exército de mulheres solteiras economicamente vulneráveis, que não tinham praticamente nenhum meio de adquirir independência fora do casamento e pouca esperança de independência dentro dele. (p. 126)

O casamento de Jane traria grandes mudanças, pois resultaria em ascensão social e financeira. Campbell (2012) afirma que o casamento da Srta. Fairfax segue o padrão dos casamentos típicos das heroínas de Austen (com exceção de Emma), onde, “apesar das dificuldades imensas, todas elas se casam com seus superiores sociais e econômicos” (p. 5). A autora explica que esse tipo de casamento era incomum e difícil de conseguir naquele período histórico, apesar de comum nas obras de Austen, mas “quando as mulheres georgianas se casavam acima de suas posições sociais, elas automaticamente se beneficiavam de uma maior autonomia de agência na forma de renda disponível e maior tempo de lazer” (Campbell, 2012, p. 8). Por esse motivo, um casamento com um nobre garantiria um futuro muito superior para Jane Fairfax.

Frank Churchill, foi criado pelos tios após a morte de sua mãe. O casamento do Sr. Weston com a Srta. Churchill não era aprovado pelo irmão dela e a esposa dele, que eram “cheios de orgulho e arrogância” (Austen, 2013, p. 21). Entretanto, o casamento aconteceu mesmo assim, pois a srta. Churchill possuía fortuna própria, mas resultou no afastamento da sua família. Com a morte da então Sra. Weston, apenas 3 anos depois, o Sr. e a Sra. Churchill, que não tinham filhos, decidiram criar Frank como herdeiro. “O pai viúvo deve ter relutado e sentido alguns escrúpulos, mas como estes foram superados por outras considerações, a criança foi deixada para desfrutar do cuidado e da riqueza dos Churchills” (Austen, 2013, p. 22). O filho de Weston até mesmo adotou o sobrenome do tio ao atingir a maioridade, tornando-se Frank Weston Churchill.

Dadas as circunstâncias do casamento do Sr. Weston com a Srta. Churchill,



é possível afirmar que um casamento entre Frank Churchill e Jane Fairfax, que era uma mulher pobre, embora adequada em outros quesitos como beleza, educação, talentos e elegância, não seria aprovado pelos tios. Por esse motivo ele precisou "induzir a mais correta mente feminina da criação a submeter-se, por caridade, a um noivado secreto" (Austen, 2013, p. 422). Jovens como Frank eram "ideologicamente encorajados a casar por amor, mas esperava-se que escolhessem seus parceiros de um grupo de potenciais aprovados, geralmente solteiros de posição social igual ou superior" (Campbell, 2012, p. 25). Roy e Lesley Adkins (2014) explicam que muitos "pais arranjavam casamentos para garantir que seus filhos estivessem bem estabelecidos na vida, e as meninas de famílias abastadas eram providas de dotes [...] para torná-las atrativas para pretendentes masculinos" (p. 3). Diante disso, a melhor opção para Frank era manter o casamento em segredo para não correr o risco de ser deserdado.

Coontz (2006) conta que por milhares de anos até o século XVIII a maioria de casamentos eram realizados como negócios:

> Para as pessoas com propriedades, o casamento era uma transação econômica que envolvia a transferência ou a consolidação de terras, bem como o desenvolvimento de redes sociais. Até mesmo os pequenos proprietários de terras manipulavam laços de parentesco e casamento para consolidar a propriedade. Para as famílias com grandes quantidades de riqueza, os casamentos [...] eram o equivalente às atuais fusões de negócios ou parcerias de investimento. (Coontz, 2006, p. 65)

O período em que o romance de Emma está situado já ilustra algumas mudanças que tiveram início no fim do século XVIII:

> Pela primeira vez em cinco mil anos, o casamento passou a ser visto como um relacionamento privado entre dois indivíduos, em vez de um elo em um grande sistema de alianças políticas e econômicas. A medida de um casamento bem-sucedido não era mais o tamanho do acordo financeiro envolvido, quantos parentes úteis foram adquiridos ou filhos gerados, mas sim o quão bem uma família atendia às necessidades emocionais de seus membros individuais. Se antes o casamento era visto como a unidade fundamental do trabalho e da política, agora ele é visto como um lugar de refúgio do trabalho, da política e das obrigações comunitárias. (Coontz, 2006, p. 146)

Frank e Jane se conheceram em Weymouth e coincidentemente possuíam conexões em Highbury. Frank Churchill nunca havia visitado Highbury apesar do fato de seu pai residir no vilarejo. Uma visita era esperada devido ao casamento do Sr. Weston, mas Frank sempre apresentava motivos para adiar a viagem. A Srta. Fairfax também não visitava a tia e a avó há anos, mas finalmente retorna ao

vilarejo para passar uma temporada e recuperar a sua saúde antes de tornar-se



governanta. O jovem Churchill só visita seu pai quando Jane chega em Highbury. Os dois precisam manter o segredo, porém alguns pequenos incidentes do romance indicam o relacionamento dos dois, como Jane ganhar um piano de remetente desconhecido exatamente no dia em que Frank ofereceu uma desculpa tola e sem sentido para viajar a Londres. No entanto, todos esses incidentes passam despercebidos. Muitos até acreditavam que Frank estava interessado por Emma, já que ele flertava com a jovem abertamente como uma das estratégias utilizadas para esconder o noivado.

Enquanto isso, a Sra. Elton já tentava incansavelmente fazer com que Jane aceitasse uma oferta de trabalho, além de tentar controlar outros aspectos da vida da jovem mesmo contra a sua vontade. Augusta insistia que já estava na hora de Jane procurar um emprego adequado e por isso ela pediria a uma amiga para procurar posições de governanta. Jane sempre recusava educadamente dizendo que não era o momento certo e explicando as razões embora a verdadeira motivação fosse o seu relacionamento. Entretanto, depois de desentendimentos e brigas com Frank, Jane decide acabar com o compromisso e aceitar um emprego que a Sra. Elton havia arranjado. Um dos motivos era a “aparente devoção a Miss W., que seria impossível para qualquer mulher de bom senso suportar” (Austen, 2013, p.424). Por diversos desencontros, um futuro como governanta quase se concretizou, mas tudo se resolveu no último momento.

Segundo Souza (2020), a vida de Jane não era muito diferente da vida de outras mulheres da época, “tendo seu futuro decidido por pessoas e situações externas” (p. 153). Todavia, a autora explica que o fato dela ser órfã agrava a situação da personagem, pois “todo mundo que passava por sua vida se achava no direito de dar palpites e conselhos e até mesmo interferir em suas decisões acerca de que caminho seguir” (Souza, 2020, p. 153). Um exemplo claro disso é como a Sra. Elton trata Jane no romance. Além disso, como a autora relata, ela vivia em constante incerteza desde a morte dos pais, sem independência alguma.

> Ela não escolheu onde morar, não escolheu a profissão que deveria seguir e também não escolheu a família a qual iria servir como governanta, [e] até mesmo quando ficou noiva de Frank Churchill precisou manter o compromisso em segredo, pois tudo dependia da família do noivo (Souza, 2020, p. 164)

A morte repentina da Sra. Churchill tornou o casamento entre Frank e Jane

possível mais rápido do que o esperado. “Ela era uma mulher caprichosa e



governava o marido totalmente” (Austen, 2013, p. 23). Porém, sem a influência da esposa, o Sr. Churchill não se opôs ao matrimônio. A Sra. Churchill não possui grande destaque na obra, mas era frequentemente apresentada como uma mulher detestável e arrogante. Campbell (2012) defende que Austen utilizava personagens secundárias “desprezíveis, não confiáveis ou desagradáveis” para expressar opiniões de classe sobre casamento, pois assim “Austen trata as ideologias historicamente precisas da era georgiana como mesquinhas, ridículas e cruéis” (p. 40). Um relato da Sra. Weston explica melhor a situação de Frank:

> Enquanto a pobre Mrs. Churchill era viva, imagino que não devia haver esperança, nenhuma chance, nem possibilidade... Mas, assim que seus restos mortais passaram a descansar na sepultura da família, seu marido foi persuadido a agir da forma exatamente oposta ao que ela teria exigido. É uma benção que tal influência negativa não tenha sobrevivido ao túmulo! Mr. Churchill deu seu consentimento com um mínimo de persuasão (Austen, 2013, p. 385).

Entretanto, Jane e Frank estavam separados, por isso ele fez uma visita apressada a Highbury logo após a morte da tia para buscar uma reconciliação e mudar a decisão de Jane. Sobre isso ele diz: “tive que lutar para persuadi-la e desfazer todos os desagrados que causei, que com justa razão a magoaram” (Austen, 2013, p. 426). Ele conseguiu o perdão e só depois disso o noivado secreto foi revelado. Os dois não foram muito reprovados pela dissimulação. A sra. Weston continuava a dar crédito à “firmeza de caráter e bom senso” de Jane, apesar do “grande desvio da estrita regra do que é certo”, e que muito podia “ser dito da situação dela para justificar esse erro” (Austen, 2013, p. 387). A resposta de Emma evidencia como era extremamente preferível um casamento como o de Jane a trabalhar como governanta: “Se uma mulher pode ser desculpada por pensar apenas em si mesma é alguém na situação de Jane Fairfax” (Austen, 2013, p. 387).

O Sr. Knightley, que admira muito as qualidades de Jane Fairfax, percebe como a união é incrivelmente vantajosa para Frank Churchill:

> Tudo está a favor dele... igualdade de situação, pelo menos no que se refere à sociedade, e todos os hábitos e modos que são importantes. Igualdade em todos os pontos, menos um. E este um, já que a pureza do coração dela é indubitável, o que muito aumenta a sua felicidade, permitirá a ele proporcionar-lhe a única vantagem que falta a ela. Um homem sempre deseja dar a uma mulher um lar melhor do que aquele do qual ele a tirou. E aquele que consegue isso, desde que não haja dúvida do amor dela, deve, no meu entender, ser o mais feliz dos mortais. Frank Churchill é, sem dúvida, um favorito da sorte. Todas as coisas se

> resolvem para o bem dele. Ele conhece uma jovem em uma estação de águas, ganha o coração dela, não consegue afastá-la nem com seu



> tratamento negligente... e mesmo que ele e toda a sua família procurassem uma esposa ao redor do mundo, não poderiam ter encontrado ninguém superior a ela. A tia está no caminho... a tia morre. Ele nada mais precisa fazer a não ser falar, e seus amigos estão ansiosos para promover a sua felicidade. Ele usou todo mundo, e todos ficam deliciados em perdoá-lo! Ele é um homem de muita sorte, de fato! (Austen, 2013, p. 413)

O casamento dos dois não aconteceria facilmente em um contexto real da Inglaterra do começo do século XIX. Campbell (2012) argumenta que o casamento é o menos realista historicamente em Emma e que os "exemplos de ascensão social quase semelhantes a contos de fadas são tão predominantes em Austen que as ideologias e práticas de casamento georgianas historicamente precisas são subordinadas e reprimidas" (p. 48). Apesar das expectativas sociais, Austen parece acreditar que não existe nada de errado em um casamento entre pessoas de situações financeiras diferentes; mais importante era casar por amor. Frank Churchill, assim como Austen, rejeitava a ideia de casamentos arranjados por conveniência, e por isso estava disposto a enfrentar as expectativas familiares para ficar com a pessoa que amava.

Jane Fairfax e Frank Churchill representam um contraste entre suas origens e as expectativas sociais de sua época. Enquanto Jane, uma órfã pobre, enfrenta a perspectiva de uma vida como governanta para sobreviver, Frank é um herdeiro privilegiado, criado em meio à riqueza e ao conforto. No entanto, o destino dos dois se entrelaça, desafiando as convenções sociais e as expectativas da família do jovem herdeiro. A união entre Jane e Frank, embora improvável no contexto histórico real, ilustra o poder do amor sobre as barreiras impostas pela classe social e as ideias progressistas de Austen sobre casamento e autonomia individual.

## CAPÍTULO V: EMMA WOODHOUSE E SR. KNIGHTLES

A heroína Emma é diferente de todas as outras heroínas de Austen. Sendo "bonita, inteligente e rica" (Austen, 2013, p. 12), ela poderia viver solteira de maneira independente, um grande privilégio no começo do século XIX. Desde os doze anos, quando sua irmã se casou, Emma era a senhora de sua casa. Por isso ela acreditava que era impossível melhorar a sua situação através do casamento e que se arrependeria caso se casasse. A personagem ainda contava com total apoio de seu pai, que odiava casamentos. Emma explica a sua situação para Harriet:

> Não tenho nenhum dos motivos que as mulheres normalmente têm para se casar. Se eu me apaixonasse, é claro, seria outra coisa! Mas nunca me apaixonei, não é o meu jeito, não está na minha natureza, e acho que isso nunca acontecerá. E sem amor eu seria uma tola em mudar minha situação atual. Não preciso de fortuna, nem ocupação, nem importância; acho que poucas mulheres casadas são tão donas de suas casas como eu sou de Hartfield. E nunca, nunca mesmo, poderia esperar ser tão verdadeiramente amada, tão importante, ser a primeira e a mais admirada aos olhos de um homem, como sou aos olhos de meu pai. (Austen, 2013, p. 87)

Mesmo assim, Emma demonstrava certa curiosidade em conhecer Frank Churchill, pois acreditava que um casamento entre os dois seria extremamente adequado devido à "idade, caráter e condição social" (Austen, 2013, p. 118) de Frank além da conexão dele com os Westons. Emma também acreditava que muitos desejavam que eles se tornassem um casal. Apesar disso, ela permanecia resoluta em sua decisão de permanecer solteira. Ela esperava que ele

> fosse agradável e que tivesse algum grau de afeto por ela, e sentia certo prazer na ideia de que formassem um casal na imaginação dos amigos, apesar de não ser induzida pelos Weston, nem por ninguém, a trocar sua situação atual que era melhor que qualquer outra pelo casamento. (Austen, 2013, p. 118)

Emma e Frank desenvolvem uma boa relação quando se conhecem e nutrem uma amizade rapidamente. Pode-se supor que muitos interpretavam as interações dos dois como um cortejo, inclusive os Westons e o próprio Sr. Knightley. Emma pensava que Frank estava muito apaixonado por ela e até acreditou estar apaixonada por ele durante um período de tempo, mas em sua imaginação o relacionamento dos dois sempre acabava com a recusa de um pedido de noivado. Consequentemente, ela passa a acreditar que não deveria

estar muito apaixonada ja que "a despeito de sua previa determinaçao de jamais



deixar o pai, de nunca se casar, um afeto de fato profundo devia provocar uma luta interna maior do que ela podia adivinhar em seus próprios sentimentos" (Austen, 2013, p. 255). Mais tarde, seu sentimento por Frank Churchill [...] se reduziu a nada" (Austen, 2013, p. 304).

Emma odiava a ideia de ver o Sr. Knightley casado. Por um tempo, a Sra. Weston imaginou que Knightley estava apaixonado por Jane Fairfax e compartilhou esse pensamento com Emma. Ela ficou revoltada com a possibilidade e mencionou que ele não poderia se casar, pois isso significa que seu sobrinho Henry não herdaria Donwell Abbey. Isabella, irmã de Emma, era casada com o irmão mais novo de Knightley, John. Se o Sr. Knightley se casasse e tivesse filhos, os filhos de Isabella e John não poderiam herdar a propriedade da família. No entanto, ao se sentir novamente incomodada com a possibilidade de um casamento, desta vez entre Harriet e Knightley, Emma finalmente percebeu o verdadeiro motivo de não querer que ele se casasse: "Mr. Knightley não podia se casar com ninguém a não ser com ela" (Austen, 2013, p. 394).

Enquanto isso, Knightley se preocupava com Emma por suspeitar que ela amava Frank, que já havia revelado o segredo do noivado. Ele visitou Emma para oferecer apoio e ficou esperançoso ao descobrir a indiferença dela em relação ao jovem Churchill. Por outro lado, Emma acreditava que Knightley estava apaixonado por Harriet e que ele pretendia confessar esses sentimentos a ela. Nas palavras de Wiltshire (1997), na cena "duas pessoas inteligentes, cada uma temendo que a outra esteja dedicada a outra pessoa, fazem o melhor para conter suas próprias emoções e dedicar toda sua energia, atenção e cuidado para promover a felicidade da outra" (p. 75). Diferentemente do esperado pelos personagens, o resultado do encontro foi um pedido de casamento do Sr. Knightley que foi prontamente aceito por Emma. Pouco depois ela começou a questionar sobre quando se apaixonou por Knightley e, ao compará-lo com Frank Churchill percebeu que nunca amou o último:

> Que abençoada felicidade se tivesse lhe ocorrido fazer essa comparação antes! Percebeu que nunca houve um tempo em que não tivesse considerado Mr. Knightley infinitamente superior, ou que seu afeto por ela não fosse infinitamente mais apreciado. (Austen, 2013, p. 398)

Havia apenas um impedimento para o casamento: o sr. Woodhouse. Emma decidiu que não poderia casar enquanto ele fosse vivo, pois não poderia

abandoná-lo. Entretanto, o Sr. Knightley não aceitou totalmente essa ideia.



Primeiro, pensou que Emma e seu pai poderiam mudar-se para sua casa, mas logo percebeu que não seria a melhor alternativa para o Sr. Woodhouse. Ele então propôs se mudar para a casa de Emma, ideia que foi aceita. O Sr. Woodhouse preferia que a filha continuasse solteira, mas acabou por aceitar o compromisso. O fato de Emma continuar vivendo em Hartfield não traria muitas mudanças para sua situação, receio que ela tinha em relação a casamentos. Ela ficou genuinamente satisfeita com a ideia, que não só evitaria um noivado prolongado, mas também traria vantagens.

> A proposta dele, de que se casassem e continuassem em Hartfield, quanto mais Emma a considerava, mais agradável lhe parecia. Os problemas pareciam diminuir, as vantagens para ela aumentavam, e o bem de todos parecia superar qualquer inconveniente. Ter tal companheiro junto dela nas horas de ansiedade e alegria que viriam no futuro! Um companheiro como ele para ajudá-la em todos aqueles cuidados e obrigações, que com o tempo apenas aumentariam em melancolia! (Austen, 2013, p. 433-434)

A preocupação de Emma com o pai e a sua determinação em cuidar dele, colocando os seus próprios interesses em segundo plano, são explicadas pela sensação de dever que ela sentia em relação a ele. Ross (2003) relata que Austen apoiava as regras de conduta baseadas em cortesia e dever. A autora explica que o dever "sustentava toda a estrutura da sociedade - [...] [como] o dever da criança para com os pais, exemplificado pelo incansável cuidado da heroína por seu pai preocupado, em 'Emma'" (p. 194). Anderson (2018) ilustra bem a situação da personagem:

> Emma demonstra uma paciência notável para com seu pai nervoso, uma figura exigente tanto em sua representação quanto em sua vida cotidiana, esforçando-se para amenizar suas ansiedades e destacar suas qualidades admiráveis, como sua compaixão pelas Bates. Ela deve estar sempre pronta para mudar de assunto para aliviar seus muitos medos e animar sua perspectiva. Ela está preparada para adiar ou renunciar ao casamento para se dedicar a ele ao longo de sua vida. (Austen, 2013, p. 153)

Como é observado em *Emma*, poucos homens de condição semelhante a de Knightley estariam dispostos a deixar a própria casa para viver na casa da esposa. Anderson (2018) argumenta que oferecer-se para morar na casa de Emma é um gesto de sacrifício que afirma e atende Emma onde ela está, demonstrando mais do que simples igualdade ou aceitação. A personagem "procura e encontra um amor que não lhe custará a sua própria essência" (Anderson, 2018, p. 53). Nesse contexto, o casamento era uma opção viável para

(Anderson, 2015, p. 35). Nesse contexto, o casamento era uma opção viável para Emma.



A Sra. Weston afirmou que o casamento dos dois “seria, em todos os aspectos, uma ligação apropriada, conveniente e irrepreensível” (Austen, 2013, p. 451). Além disso, “de forma geral, o casamento foi muito bem aprovado. Alguns achavam que era ele o mais afortunado, outros pensavam que era ela” (Austen, 2013, p. 452). É possível perceber que o casamento de Knightley e Emma é realista historicamente. McMaster (1997) expõe que “Austen geralmente fica feliz em seguir o enredo da Cinderela e em dar um final feliz ao casar sua heroína com um homem notavelmente acima dela em termos de renda e prestígio social” (p. 117). Emma é então uma exceção por se casar com um igual, um casamento “completamente desvinculado das questões de dinheiro e classe” (Campbell, 2012, p. 8).

É evidente que o relacionamento deles era exatamente o tipo de união esperada para membros da gentry, e não seria um casamento condenando ou desaconselhado. No entanto, o casamento dos dois é muito mais que apenas uma ligação vantajosa entre membros da alta sociedade, algo que nunca foi o foco de Austen. A união deles não aconteceu para que pudessem obter vantagens, mas sim porque ambos se amavam. Como é exposto por Emma ao longo do romance, apenas um casamento baseado em amor, afeição e companheirismo poderia ser mais gratificante do que permanecer solteira em sua situação. Emma foi capaz de analisar seus próprios sentimentos e não fazer uma escolha imprudente que só lhe causaria arrependimentos. Apesar de cometer muitos erros na história, escolher Knightley não foi um deles. Mais uma vez, Austen parece demonstrar que o amor é o aspecto mais importante em um casamento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Era fácil para Emma não se preocupar com casamento devido à sua grande fortuna e situação privilegiada, mas Austen mostra que essa não era a condição de muitas mulheres inglesas no início do século XIX. A falta de um casamento costumava causar incertezas e miséria na vida de mulheres como a Srta. Bates e sua mãe viúva. Por esse motivo, o matrimônio era tão desejável por pessoas como Jane Fairfax e Harriet Smith. Jane, acostumada com a sociedade elegante de sua criação, receberia uma renda mínima trabalhando como governanta, suficiente apenas para continuar sobrevivendo e torcer para talvez melhorar com um casamento. Harriet, órfã e bastarda, enfrentaria ainda mais dificuldades que Jane devido a preconceitos da época.

Mesmo assim, Austen não concordava com casamentos baseados apenas em conveniência. Personagens como o Sr. e a Sr. Elton e a Sra. Churchill são objetos de desaprovação e vistos de maneira negativa no romance. Por outro lado, Frank Churchill agiu corretamente ao rejeitar as expectativas familiares e escolher se casar com alguém que não se encaixava totalmente nos padrões convencionais. Os casamentos de Harriet, Jane e Emma não são considerados positivos apenas por ganhos financeiros ou sociais, mas por serem casamentos baseados em amor, afeição, respeito e compatibilidade. No entanto, Austen não deixa de reconhecer o que mulheres como Jane, por exemplo, ganhavam com um casamento com uma pessoa de classe superior.

A união dos Eltons ilustra a prática comum e muito criticada por Austen de casamento apenas para enriquecimento. O casamento de Harriet com Robert Martin seria aceitável na época devido à posição dos dois, mas oferece uma perspectiva mais positiva sobre uma filha ilegítima, uma vez que ela não deveria ser marcada pelo que era considerado erro dos pais. O de Emma, talvez o mais realista historicamente de todas as heroínas de Austen, segue exatamente as expectativas da época. Já o casamento de Jane Fairfax e Frank Churchill desafia convenções porque não ocorreria facilmente em um contexto real.

Considerando a perspectiva de que o casamento por amor era recente para a sociedade inglesa extremamente no período regencial, pode-se supor que Austen utilizava seus romances, exemplificado aqui por *Emma*, para defender e difundir o

utilizava seus romances, exemplificado aqui por *Emma,* para defender e difundir o novo conceito de casamento ideal. Ao mesmo tempo, Austen questiona as práticas



antiquadas que ainda prevaleciam na época e também a situação de desamparo e falta de possibilidade para muitas mulheres que, como ela mesma, decidiam não casar. Em *Emma,* Austen oferece, com sua narrativa envolvente, uma crítica sutil às convenções sociais inglesas do começo do século XIX, que limitavam principalmente a liberdade e a felicidade de muitas mulheres em uma sociedade injusta e marcada por classes sociais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADKINS, R.; ADKINS, L. Wedding Bells. In: **Eavesdropping on Jane Austen's England: How Our Ancestors Lived Two Centuries Ago**. Londres: Abacus, 2014.

ANDERSON, K. **Jane Austen's Women an introduction.** Albany: State University Of New York Press, 2018. 293 p.

AUSTEN, Jane. **Emma (Edição Bilíngue)** Tradução: Doris Goettems. São Paulo: Editora Landmark LTDA, 2013. E-book Kindle. 906 p.

BAILEY, Martha. The Marriage Law of Jane Austen's World. **Persuasions On-Line** V. 36 No. 1 (Winter 2015) Disponível em: <https://jasna.org/publications-2/persuasions-online/vol36no1/bailey/>. Acesso em: 1 fev. 2024.

CAMPBELL, E. E. **Finding Austen: The Covert Gender Politics in Emma's Marriage Plots**. Dickinson College Honors Theses. 2012, 55 p.

COONTZ, S. **Marriage, a History How Love Conquered Marriage**. Estados Unidos: Penguin Group, 2006. 432 p.

FERGUS, J. Biography. In: TODD, J. (Ed.). **Jane Austen in Context**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 3–11.

MCMASTER, J. Class. In: COPELAND, E.; MCMASTER, J. (Eds.). **The Cambridge Companion to Jane Austen**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. p. 115–130.

ROSS, J. **JANE AUSTEN a Companion**. New Brunswick, New Jersey: Rutgers University Press, 2003. 259 p.

SOUZA, Camila Rafaela Pereira de. Jane Austen e a História: um olhar sobre as relações entre mulheres, espaços e classe em "Razão e Sensibilidade" e "Emma" (1811-1815). 2020. 213f. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

WILTSHIRE, J. Mansfield Park, Emma, Persuasion. In: COPELAND, E.; MCMASTER, J. (Eds.). **The Cambridge Companion to Jane Austen**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. p. 58–83.

WRIGHT, Carie. Mrs. Elton's Pearls: Simulating Superiority in Jane Austen's Emma. **Persuasions On-Line** V. 37, No. 1 (Winter 2016) Disponível em: <https://jasna.org/publications-2/persuasions-online/vol37no1/wright/>. Acesso em: 15 fev. 2024.